

ANA LUCIA LEAL DE SOUZA

**ESTUDO DA MODIFICAÇÃO DA REGRA OFICIAL Nº2 DE
HANDEBOL DE SALÃO PARA CRIANÇAS DE 11 A 12 ANOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Educação Física do Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

**CURITIBA
1994**

ANA LUCIA LEAL DE SOUZA

**ESTUDO DA MODIFICAÇÃO DA REGRA OFICIAL Nº2 DE
HANDEBOL DE SALÃO PARA CRIANÇAS DE 11 A 12 ANOS**

**Monografia apresentada como requisito
parcial para a conclusão do curso de
graduação em Educação Física do
Departamento de Educação Física, Setor
de Ciências Biológicas da Universidade
Federal do Paraná.**

Orientador: Prof. Luis Renato Ludwig

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho àqueles que me ensinaram, com toda simplicidade e todo carinho, o quanto é importante o respeito, a responsabilidade e a humildade, para poder crescer e vencer todas as etapas de minha vida.

MEU PAI E MINHA MÃE.

Dedico também a uma amiga especial, com quem sempre posso e poderei contar

MINHA IRMÃ.

Agradeço a Luis Renato Ludwig, meu orientador e amigo, por ter colaborado na realização desse trabalho e por ter me acompanhado em minha jornada universitária, seja como acadêmica ou atleta.

SUMÁRIO

RESUMO.....	vi
1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 PROBLEMA.....	1
1.2 JUSTIFICATIVA.....	2
1.3 OBJETIVOS.....	3
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1 HISTÓRICO DO HANDEBOL.....	4
2.2 DESENVOLVIMENTO TÉCNICO DO JOGO DE HANDEBOL.....	6
2.3 CARACTERÍSTICAS DO JOGO DE HANDEBOL.....	8
2.4 A CRIANÇA DE 11 A 12 ANOS.....	11
2.5 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A INICIAÇÃO DESportiva.....	12
2.6 A CRIANÇA E A COMPETIÇÃO.....	14
3 CONCLUSÃO/RECOMENDAÇÕES.....	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19

RESUMO

Neste estudo analisou-se a alteração da regra oficial nº2 de handebol de salão, a qual diz respeito à duração do jogo, para equipes pré-mirins, ou seja, crianças de 11 a 12 anos de idade, realizada pela Prefeitura Municipal de Curitiba, através de revisão de literatura baseada nos autores BEE (1984), BONJARDIM (1988), CRATTY (1984), JOLIBOIS (1976), KASLER (1978), LUDWIG (1987), MATTOS (1974), RASO (1986), SCHIFFI (1989), SIMÕES (s/d), SINGER (1977), TUBINO (1980) e nas regras oficiais de handebol.

Para tanto realizou-se uma abordagem geral da história do handebol; analisou-se o desenvolvimento técnico do jogo assim como suas características, para melhor compreensão deste esporte. Logo após colocou-se princípios básicos da iniciação desportiva e como a criança deve participar dela. Por último abordou-se a criança dentro da competição.

1 INTRODUÇÃO

Por a iniciação desportiva ocorrer em indivíduos muito jovens e, portanto, em desenvolvimento e em formação de seu corpo e personalidade, ela deve ser realizada de maneira a não quebrar o ritmo natural destas formações e estar adaptada às características das crianças iniciantes. Mesmo na iniciação desportiva existe a competição, muitas vezes aplicada da mesma forma que a um indivíduo adulto.

Tendo como base este conceito e o fato das regras oficiais dos inúmeros esportes estarem dirigidas a indivíduos com mais idade e não estarem relacionadas à iniciação desportiva, determinadas instituições, tais como prefeituras e federações, propõem modificações nas mesmas para que o atleta iniciante não seja prejudicado.

Neste estudo é analisada uma destas modificações, que ocorre na regra oficial nº2 de handebol de salão, que diz respeito à duração do jogo, para equipes pré-mirins, ou seja, crianças de 11 a 12 anos.

1.1 PROBLEMA

A iniciação desportiva ocorre geralmente em faixas etárias baixas e, segundo CRATTY (1984, p.144), as crianças por muito tempo e até mesmo hoje em dia, são levadas aos programas esportivos competitivos estruturados da mesma forma que os adultos.

Raramente o impacto de um jogo competitivo é neutro, seja em seus corpos ou personalidades. Crianças expostas a tais experiências, a exemplo dos atletas adultos, passam por um estado de alegria ou depressão como resultado de suas atividades esportivas. Seu corpo torna-se mais forte e resistente, desenvolve capacidades e habilidades, porém, por vezes, sofrem lesões em suas articulações e sua constituição física e psicológica mostram os efeitos das tensões produzidas pelas demandas do esporte competitivo e de seus treinadores. (CRATTY, 1984, p.144).

Portanto deve-se considerar os fatores que precedem as confrontações entre a criança e a competição, as condições que acompanham estas confrontações e os eventos e sentimentos que se seguem a elas.

1.2 JUSTIFICATIVA

Analisando os fatores positivos e negativos da alteração da regra oficial nº2 de handebol de salão, realizada pela Prefeitura Municipal de Curitiba, poder-se-á proporcionar a melhor aplicação da mesma, bem como a possibilidade de sua utilização em outros campeonatos realizados por outras instituições. Desta forma, poder-se-á contribuir para um melhor aprendizado do desporto e diminuir os resultados negativos da competição na criança.

Pois como afirma TUBINO (1980, p.350), a iniciação desportiva ocorre em faixas etárias baixas, o que passa a exigir indicações psicopedagógicas e

certas modificações dentro das modalidades para se ter êxito neste tipo de trabalho.

1.3 OBJETIVO

Analisar a colaboração da alteração da regra oficial 2 de handebol de salão, observando o que essa alteração poderá implicar no desenvolvimento da criança de 11 a 12 anos de idade dentro da competição, assim como com o que ela auxiliará na iniciação desportiva no handebol de salão.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 HISTÓRICO DO HANDEBOL

MATTOS (1974, p.1) comenta o quanto é difícil precisar a origem de um esporte, existindo polêmicas quanto aos seus fundadores, datas e locais de sua criação. Dentro destes esportes está o Handebol, “que hoje em dia nos atrai, quer como dirigentes, praticantes ou simples expectadores, pelos valores que encerra” (MATTOS, 1974, p.1).

Apesar de ser considerado um esporte jovem, o Handebol teve sua origem na mais remota antiguidade. “O próprio estudo da evolução do homem através dos tempos nos diz que estes já estavam dotados de aptidões físicas e mentais; eles se movimentavam, saltavam e arremessavam” (LUDWIG, 1987, p.2). Tanto assim que os gregos tinham um jogo de bola denominado *Urânia* e os romanos jogavam o *Harpastum*.

Segundo LUDWIG (1987, p.2) o professor Konrad Koch da Alemanha, criou na Idade Moderna um jogo que lembra o handebol de nossos tempos, o *Raffballspiel* (bola roubada), porém sem campo demarcado nem balizas de gol. Anos mais tarde, Holger Nielsen da Dinamarca, devido à violência do futebol inventou um jogo que não causasse tantos acidentes para seus alunos, o *Handbold*.

Em 1911, Karl Schelenz, professor alemão, ao visitar o Uruguai observou um jogo desenvolvido pelo professor Gualberto Valetta, o *Balon*. Ao voltar à

Alemanha contou sua descoberta a um colega, Max Heiser, este observou um jogo semelhante utilizado como complementação para ginastas na Dinamarca, o *Handeball Danés*. Em 1917, estes dois professores analisando as diversas formas dos dois países, aprimoraram e desenvolveram-nas criando o Handebol de Campo. Em pouco tempo a modalidade foi divulgada por toda Alemanha e outros países. (SILVA, 1983, p.18).

Como os demais países fizeram modificações e haviam discordâncias entre os países praticantes, em 1926 foi criada uma comissão, que tinha por objetivo a uniformização das regras, e adotaram as regras vigentes na Alemanha. Fundou-se a Federação Internacional de Handebol Amador em 1929, tornando o handebol independente. (REVISTA OFICIAL DE HANDEBOL, 1992, p.3).

Porém, em países como a Suécia, onde a prática do esporte de campo era prejudicada pelo inverno rigoroso, criou-se o Handebol de Salão em 1924, reduziu-se o número de jogadores e iniciou-se sua prática em quadras. Após a II Guerra Mundial, mesmo com os esforços dos alemães para conservar o Handebol de Campo, o Handebol de Salão expandiu-se extraordinariamente e ganhou mais adeptos. (REVISTA OFICIAL DE HANDEBOL, 1992, p.4).

Emil Schmechlin introduziu no Brasil em 1928 o Handebol de Campo, usando os campos de futebol para jogos amistosos entre as colônias alemãs. Com a propagação da modalidade e a intenção de realizar campeonatos, foi fundada no Brasil a primeira Federação, a Associação Alemã de Handball. Com a nacionalização dos clubes fundou-se a Federação Paulista de Handebol em

1940. A realização do I Torneio de Handebol de Salão, em 1954, constituiu a entrada da modalidade no Brasil. (LUDWIG, 1987, p.3).

Assim o handebol tornou-se conhecido em todo o território brasileiro. A partir daí sendo os títulos brasileiros divididos entre os vários estados. O Brasil tem participado de competições internacionais, mesmo com a falta de maior intercâmbio com os centros da Europa e sem recursos. (REGRAS OFICIAIS, 1989, s/p.).

2.2 DESENVOLVIMENTO TÉCNICO DO JOGO DE HANDEBOL DE SALÃO

Segundo as regras oficiais o handebol de salão é disputado em uma quadra de 20 metros de largura por 40 metros de comprimento, compreendendo uma área de jogo e duas áreas de gol.

Constituem uma equipe de handebol de salão 12 jogadores, sendo 10 jogadores de linha ou de campo e 2 goleiros; dos quais apenas 7 (1 goleiro e 6 jogadores de campo) podem estar ao mesmo tempo em quadra. MATTOS (1974, p.4) define o handebol de salão como sendo o “encontro de duas equipes de 7 jogadores, sendo que cada uma tenta conquistar gols a seu favor”. Para se iniciar uma partida deve-se ter no mínimo 5 jogadores em cada equipe e para que esta possa ter continuidade 2 jogadores de cada equipe, no mínimo, deverão estar na quadra.

Dependendo das táticas defensivas e ofensivas, que forem utilizadas no jogo, faz-se a distribuição dos jogadores em quadra. No geral a tarefa do

jogador em quadra possui dois momentos; “repelir os ataques adversários dentro do campo de jogo e fora da área de gol, a qual pertence exclusivamente ao goleiro, o que chamamos de Ação Defensiva; em outras ocasiões atacam o gol contrário, afim de conseguir um gol, é a Ação Ofensiva” (MATTOS, 1974, p.4).

O jogo, segundo a regra oficial nº2, divide-se em dois tempos de 30 minutos com um intervalo de 10 minutos para homens e mulheres acima de 18 anos de idade. Segundo LUDWIG (1987, p.7) para equipes femininas e masculinas até 18 anos de idade o jogo é dividido em dois tempos de 25 minutos com um intervalo de 10 minutos e é dirigido por dois árbitros, auxiliados por um cronometrista e um secretário.

Para manejar-se a bola, permite-se aos jogadores:

- arremessar, bater, empurrar socar, para e pegar a bola, não importa de que maneira, com a ajuda das mãos, braços, cabeça, tronco, coxas e joelhos;
- reter a bola durante 3 segundos no máximo (mesmo que esteja no chão);
- fazer no máximo 3 passos com a bola na mão;
- bater a bola no chão várias vezes seguidas com uma das mãos, tanto parado como em movimento;
- apoderar-se da bola durante 3 segundos no máximo e logo após passá-la ou arremessá-la. (LUDWIG, 1987, p.7).

A equipe vencedora será a que conseguir maior número de gols. Se as duas equipes marcarem o mesmo número de gols ou ambas não marcarem gols o jogo terminará empatado. Caso haja necessidade de um vencedor haverá prorrogação de 2 tempos de 5 minutos. Se continuar o empate, o jogo será decidido de acordo com as disposições no regulamento da competição. Toda

atitude anti-desportiva será punida com advertência, exclusões ou expulsões, conforme dita as regras oficiais.

O jogo de handebol de salão exige acima de tudo jogadores dividamente preparados e treinados, tanto física como tecnicamente, tendo como fundamentais qualidades físicas como a velocidade, a força, a flexibilidade e a força de impulsão, pois exige-se neste jogo inúmeras formas de movimento, tais como mudanças rápidas de direção, corridas, paradas bruscas, precisão nos passes e recepções, e potência nos arremessos a gol. (LUDWIG, 1987,p.8).

Juntamente com a formação técnica e tática da equipe, devem estar uma preparação física adequada e uma especial atenção ao treinamento técnico de cada jogador.(MATTOS, 1974, p.5).

2.3 CARACTERÍSTICAS DO JOGO DE HANDEBOL DE SALÃO

“Simples em sua concepção, de muita raça, e variado em suas características, o Handebol reúne todas as vantagens de um jogo de equipe” (SILVA, 1983, p.99).

Como esporte o handebol cria responsabilidades, desenvolve a personalidade intelectual e física, oferece oportunidades de integração social estimulando a camaradagem. (MEC, 1982, p.6).

É praticado e apreciado por ambos os sexos, pois este esporte desenvolve simultaneamente resistência, coordenação, velocidade, força, rapidez de reflexos, grande senso de equilíbrio e coragem. Além destas qualidades específicas reúne

três provas atléticas naturais- a corrida, o salto e o arremesso. (REVISTA OFICIAL DE HANDEBOL, 1992, p.5).

Sendo um jogo muito rápido, tem como característica principal a velocidade, representando um árduo teste para seus jogadores e treinadores. Pois movimentos velozes do ataque à defesa e vice-versa pedem muita precisão, tomada rápida de decisão, equilíbrio perfeito e total domínio do corpo. Outro desafio aos técnicos é a combinação de planos técnicos com as capacidade técnicas da equipe, para que consigam melhores resultados. (MEC, 1982, p.6/7).

SIMÕES (s/d, p.27) cita como princípio para um perfeito desenvolvimento e harmonia de uma equipe, assim como condição de êxito em qualquer partida a estreita colaboração entre treinador e seus jogadores.

Segundo RASO (1986, p.49) as equipes que pretendem conquistar um elevado nível técnico possuem táticas próprias elaboradas segundo suas características. Para que a aplicação dessas táticas tenham sucesso é necessário pleno entendimento e aprendizado por parte dos atletas. Alguns técnicos não permitem a mudança dessas táticas dentro do jogo, mesmo que situações novas que apareçam, outros acreditam em suas táticas articuladas, porém estimulam em seus atletas a iniciativa e a criatividade, transmitindo aos mesmos que: “quando uma oportunidade de êxito aparece, a tática deve ser interrompida em benefício da possível consecusão (sic) do gol” (RASO, 1986, p.49).

No handebol não existe pedido de tempo entre os períodos de jogos, e a duração do jogo segundo a regra oficial nº2 é de dois períodos de 30 minutos com um intervalo de 10 minutos entre os mesmos. Desta forma a comunicação

entre técnico e atletas é dificultada e as equipes nas quais prevalecem a iniciativa e a criatividade têm obtido melhores resultados.

A regra oficial nº2 é dirigida à equipes femininas e masculinas formadas por jogadores com mais de 18 anos de idade. Os jogadores menores de 18 anos de idade estão divididos em categorias e a duração do jogo é menor de acordo com as características de cada categoria.

Nas categorias menores, ou seja, na iniciação ao desporto, foram realizadas alterações das regras oficiais pela Prefeitura Municipal de Curitiba para melhorar o aprendizado e a formação dos iniciantes.

Para a categoria pré-mirim, ou seja, crianças de 11 a 12 anos de idade, a duração de uma partida de handebol é de 4 quartos de tempo de 7 minutos, cada um, com intervalos de 2 minutos entre o 1º e o 2º quartos e 2 minutos entre o 3º e o 4º quartos, e um intervalo de 5 minutos entre o 2º e o 3º quartos.

Desta forma correspondendo melhor as características das crianças de 11 a 12 anos de idade e possibilitando maior contato entre jogadores e treinadores. Os quais podem analisar, comentar e discutir mais sobre o jogo, entendendo-o melhor; pois segundo KASLER (1978, p.9), “a oferta de um jogo necessita corresponder a compreensão do mesmo jogo”.

KASLER (1978, p.10) ainda cita que um esporte se aprende jogando; que as habilidades técnicas e táticas são desenvolvidas através da vivência do jogo e que na passagem da aprendizagem para o desempenho em competições deve-se

encontrar formas de jogo que proporcionem melhor aprendizado, assim como realizado pela Prefeitura Municipal de Curitiba.

2.4 A CRIANÇA DE 11 A 12 ANOS

BEE (1984, p.393) coloca que “em algum momento entre os 11 e 13 anos[...], o agradável equilíbrio da criança escolar desaparece e começa uma nova transição”. Salienta ainda como evento crítico desta transição à puberdade, definido como complexo conjunto de mudanças físicas; há produção de hormônios de crescimento e hormônios sexuais em níveis crescentes e acentuados no corpo.

Outras mudanças importantes são observadas nesta fase além das mudanças físicas:

Começam a emergir as operações formais, o nível final de desenvolvimento cognitivo; o relacionamento com os companheiro se modifica, caminhando para os grupos mistos e os pares heterossexuais; a escolaridade também se modifica [...] e exigem-se novas capacidades acadêmicas, novas responsabilidades e independência; a interação pais-filhos também muda. (BEE,1984, p.393).

Ainda MARSHALL E TANNER (1974, citado por BONJARDIM e outros, 1988, p.5) citam os seguintes processos das modificações corporais:

- a) aceleração e depois desaceleração do crescimento esquelético;
- b) alterações da composição corporal como consequência do crescimento ósseo e muscular e das modificações na quantidade e distribuição de gordura;
- c) desenvolvimento dos sistemas circulatório e respiratório levando, [...] a aumento de força e resistência;
- d) desenvolvimento das gônadas, órgãos reprodutores e caracteres sexuais secundários;

e) combinação de fatores , não completamente conhecidos , que modulam as atividades dos elementos nervosos e endócrinos , os quais iniciam e regulam essas alterações.

Sendo assim, a adolescência é uma fase crítica do desenvolvimento humano constituindo etapa de transição biopsicossocial com características marcantes. E tanto determinantes genéticos quanto ambientais possuem importantes influências no processo de maturação pubertária.

2.5 CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE A INICIAÇÃO DESPORTIVA

Torna-se imprescindível o conhecimento sobre o crescimento e desenvolvimento físico da criança , pois o nível deste último traça limites “sobre o tipo de interação que ela pode ter com o ambiente e porque seus sentimentos a respeito de seu próprio corpo podem afetá-la bastante”. (BEE, 1984, p.113).

SINGER (1977, p.101) propõe que aliando-se, a um esporte em particular, pode-se determinar uma prática diligente e atingir-se a perfeição, não importando quando o indivíduo comece. Outros autores afirmam que quanto mais cedo, melhor. O início de uma prática esportiva dependerá da natureza e da modalidade esportiva, da quantidade de competição envolvida pela mesma e do próprio atleta. Mas ainda há pouca dúvida de que idades precoces sejam formativas.

Em relação a iniciação desportiva, JOLIBOIS (1976, p.69) sugere a idade dos dez anos onde quase todos os esportes podem ter início com êxito e a “idade

de ouro da iniciação desportiva como sendo dos 10 aos 12 anos". E é onde deve-se permitir à criança adquirir todos os automatismos elementares que lhe servirão para toda a vida, melhorando o conhecimento do próprio corpo. "Com gestos naturais, harmoniosos, [...] poderá abordar tranqüilamente o obstáculo representado pela crise pubertária" (JOLIBOIS, 1976, p.69).

Ainda para JOLIBOIS (1976, p.84) "a competição não é, nem deve ser, o objetivo de toda a iniciação desportiva", e sim o prêmio oferecido àqueles que descobriram a alegria que está na expansão motora, no domínio de suas possibilidades, podendo ter uma especialização eficaz com tranqüilidade e equilíbrio.

Não há necessidade de inquietação relativa aos riscos da competição. "Mas o perigo pode surgir quando a criança alcança resultados demasiadamente bons, pode surgir do delírio do vedetismo, deste delírio que se apodera abruptamente da criança e agita os pais e o educador" (JOLIBOIS, 1976, p.209).

Para SINGER (1977, p.102) os riscos inerentes a competição podem ser evitados, pois certas modificações podem ser feitas na maioria dos esportes para que possam ser ensinados em diversos estágios da vida.

A proporção que se valoriza o êxito desportivo, MATTOS (1974, p.1) afirma que o interesse no desenvolvimento dos métodos de Ensino e Treinamento de iniciantes vai crescendo, abrindo novos caminhos para novas melhorias, objetivando um alto grau de aperfeiçoamento. Salienta ainda que sendo partidário da especialização, partindo da Iniciação, os resultados serão

apresentados a longo prazo, dentro de uma preparação dosada e planificada. Contudo podem ser com quantidade e qualidade compensados, pois através dela busca-se fundamentos máximos posteriores.

MATTOS (1974, p.1) propõe também que a iniciação ao Handebol se realize aos 8 anos de idade, dentro de uma progressão respeitada, e aos 12 anos já possa ser praticada convenientemente.

A iniciação desportiva torna-se fundamental a partir do momento que se caracteriza como movimento e este “tem um papel importante no desenvolvimento do aluno, e que lhe possibilita a superação de inúmeros obstáculos que a criança encontra na relação homem x mundo e, principalmente, o apoio no sentido de uma maior segurança ao enfrentar as carências emotivas e afetivas que cada um traz dentro de si” (SCHIFFI, 1989, p.iv).

2.6 A CRIANÇA E A COMPETIÇÃO

CRATTY (1984, p.152) analisou estudos sobre o comportamento da criança quando em competição, citando que na década de 70 dava-se pouca atenção a mudanças emocionais e flutuações de humor das crianças dentro do esporte. A partir de então , aumentaram-se as preocupações em relação às possíveis alterações em níveis de ansiedade, agressividade contra adversários, assim como mudanças de personalidade decorrentes da participação em competições por indivíduos mais jovens.

Sem dúvida “as experiências mais primitivas nos esportes têm probabilidade de exercer uma influência marcante e imediata em jovens participantes, bem como efeitos duradouros sobre humor, atitudes, emoções e desempenho na competição atlética e interesses lúdicos posteriores”. (CRATTY, 1984, p.152).

SKUBIC (citado por CRATTY, 1984, p.153) comprovou através de pesquisas que as crianças que participam de competições apresentavam, em parte, perturbação emocional temporária, e os pais destas crianças percebiam alterações na alimentação normal e no sono, bem como variações no humor dos mesmos.

Para SINGER (1977, p.24) 3 efeitos são sentidos a partir da participação no esporte. “(1) tendências agressivas diminuídas, (2) agressividade aumentada ou (3) nenhuma mudança. Normalmente os argumentos e teorias a respeito abrangem as 2 primeiras alternativas”.

A agressividade, para CRATTY (1984, p.6), pode ser resultante da interligação de um grande número de forças, assim como da frustração, outra influência no desempenho do atleta, é a presença da torcida, a qual exerce diferentes efeitos sobre a criança. Ela pode, aumentar os níveis de ativação ou de medo, trazendo melhor desempenho em tarefas a uma paralisia, ou diminuição da ativação, resultando em desempenho baixo.

Outro ponto a ser analisado é a ansiedade, a qual pode interagir com a estimulação de modo interessante, pois “que o aumento do medo de uma

determinada situação levará a uma maior estimulação, a qual, por sua vez, trará maior sucesso em tarefas simples e diretas” (CRATTY, 1984, p.6).

A ansiedade relaciona-se também a tensão muscular e de acordo com o estudo de WEINBERG e HURT (1976, citados por CRATTY, 1984, p.90) “sujeitos muito ansiosos tinham excesso de tensão muscular em seus desempenhos quando comparados a sujeitos menos ansiosos e quando se defrontavam com uma tarefa que media, em grau significativo, sua aptidão atlética geral”. O medo excessivo pode provocar uma síndrome do esforço, cujos sinais são excesso de fadiga e dor musculares. Contudo nem toda ansiedade é prejudicial, pois que um bom desempenho requer um nível ótimo de ansiedade.

As tensões de competição possuem maior influência sobre a personalidade da criança do que sobre a do adulto.

A possibilidade de que a participação continuada no esporte competitivo possa tender a “apagar” o interesse da criança no próprio esporte (motivação intrínseca) tem preocupado muitos pesquisadores. Geralmente, tem-se verificado que, se uma criança não for reforçada seletivamente para aumentos no desempenho, é provável que ela comece a acreditar que se lhe deve dar alguma coisa, além do prazer do esporte, a fim de tornar agradável a participação constante. Assim, é provável que as crianças devam ser premiadas quando mostram realmente uma melhora no contexto esportivo, a fim de manter em alto nível o desempenho e a motivação intrínseca. (CRATTY, 1984, p.157).

3 CONCLUSÃO/RECOMENDAÇÕES

Apesar de se dar em faixas etárias baixas, ou seja, para indivíduos ainda em formação de seu corpo e personalidade, a iniciação desportiva tem valor muito grande para o desenvolvimento das crianças, se aplicada de forma adaptada e bem elaborada.

Dentro da iniciação ao esporte encontra-se a competição, que é colocada às crianças da mesma forma que aos adultos e caracteriza-se por ser uma atividade onde o esforço é máximo, seja ele físico ou psicológico. Pois se são esforços máximos, dentro da iniciação, irão exigir muito da criança, fazendo com que ela se desgaste demais, tanto física como psicologicamente, e acabe sofrendo lesões ou saturando-se do esporte de tal forma que sua carreira como esportista termine cedo.

Para que a iniciação e a competição esportivas não se tornem prejudiciais ou negativas, há necessidade de adaptar-se às características das crianças tanto as regras que regem o treinamento quanto as que regem a competição.

Sendo o handebol um esporte competitivo e tendo muita procura por parte das crianças ao mesmo, torna-se necessário inserir determinadas mudanças em sua forma de iniciação e competição, para que este continue sendo um esporte procurado por todos.

Baseando-se nestes princípios propôs-se a mudança da regra oficial nº2 de handebol de salão, a qual refere-se a duração do jogo, para crianças de 11 a 12 anos, pela Prefeitura Municipal de Curitiba.

Com menor duração e mais intervalos, as partidas realizadas pelas crianças proporcionarão às mesmas menos desgaste a nível físico, podendo diminuir lesões articulares e musculares, fadiga e dores musculares; assim como o desgaste psicológico também deverá ser menor.

Com mais intervalos entre os períodos pode-se haver maior contato entre técnico e atletas, colaborando-se, desta forma, para que a criança possa compreender melhor o jogo e para que o treinador possa passar importantes informações ao seu atleta, e ainda proporcionando-se melhor relacionamento entre os mesmos, o que é dificultado em jogos com a duração oficial, por não haver pedido de tempo entre os intervalos e estes serem longos, onde tanto atleta quanto técnico tem grande desgaste por tentarem se comunicar durante o jogo. Concordando-se desta forma com a afirmação de CRATTY (1984, p.155): o mais importante elemento dentro de todo o contexto esportivo é o relacionamento entre técnico e a criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEE, Helen. Acriança em desenvolvimento. São Paulo: Harper, 1984.
- BONJARDIM, Emedio et al. Crescimento e desenvolvimento pubertário em crianças e adolescentes. São Paulo: Bras. Ciências, 1988.
- CRATTY, Bryant J.. Psicologia no esporte. 2 ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil, 1984.
- JOLIBOIS, Robert Pierre. Iniciação desportiva da infância a adolescência. Lisboa: Estampa, 1976.
- KASLER, Horst. Handebol: do aprendizado ao jogo desportivo. Tradução Sieglinda Lenk da Costa e Silva. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.
- LUDWIG, Luís Renato. Handebol. Curitiba: SEE / CEF. Caderno pedagógico, 1987
- MATTOS, Wilson. Iniciação desportiva: handebol, técnica e tática, 1974. Monografia.
- RASO, Lincoln. Handebol: a procura de uma "personalidade de jogo. Boletim FIEP. Belo Horizonte, v. 56, n. 4-5, 1986.
- SCHIFFI, Jaqueline Maria. A interdependência entre movimento e desenvolvimento. Palmas. 1989.
- SILVA, Marco Antonio F. da. Handebol: regras ilustradas, técnicas e táticas. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.
- SIMÕES, Antonio Carlos. Táticas defensivas e ofensivas. São Paulo: CIA Brasil, s/d.
- SINGER, Robert N. Psicologia dos esportes: mitos e verdades. 2 ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.
- TUBINO, Manuel José G. Metodologia científica do treinamento desportivo. 2 ed. São Paulo: Ibrasa, 1980.
- REGRAS INTERNACIONAIS DE HANDEBOL. Brasília: MEC, 1982.
- REGRAS OFICIAIS DE HANDEBOL. Rio de Janeiro: Grupo Palestra Sport, 1989.
- REVISTA OFICIAL DE HANDEBOL, Sprint, 1992.